

## LUTERANISMO, TRANSNACIONALISMO E SURDEZ: a Escola Especial Concórdia por entre as memórias de um professor

*Weliton Barbosa Kuster  
Patrícia Weiduschadt*

### Resumo

O presente artigo objetiva explorar aspectos referentes à fundação e atuação da Escola Especial Concórdia, instituição educativa localizada na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, por meio das memórias de um dos seus professores. Tal instituição foi criada para atender alunos com surdez, através de um viés luterano que buscava fortalecer o campo religioso em detrimento de outras esferas, como a familiar e a social. Para tanto, utilizou-se da metodologia da História Oral, baseada nos estudos de Portelli (1997; 2010) e Thompson (1998), do conceito de Identidade, a partir de Bauman (2005) e Hall (2006), além do conceito de Memória, explorado por meio dos estudos de Halbwachs (1990). A análise evidenciou que por mais que a Escola Especial Concórdia buscasse o firmamento dos cânones da fé luterana em primeira instância, acabou por promover uma integração dos sujeitos com surdez em um mesmo ambiente e, a partir desse aspecto firmado em sua cultura escolar, possibilitou a ideia de pertencimento e de identificação social, em outras palavras, de comunidade surda.

**Palavras-chave:** história das instituições educativas; história oral; luteranismo; surdez.

## LUTHERANISM, TRANSNATIONALISM AND DEAFNESS: the Concórdia Special School through the memories of teacher

### Abstract

This paper aims to explore aspects regarding the founding and activity of Escola Especial Concórdia. Such institution was created in order to help students who are deaf, by the means of a Lutheran Program which aimed to strengthen their religious studies, to the detriment of other spheres, such as familiar and social. To that end, the Oral History method had been applied, based on the Portelli (1997; 2010) and Thompson (1998) studies, the Concept of Identity, from Bauman (2005) and Hall (2006), in addition to the Concept of Memory, explored by the means of the studies of Halbwachs (1990). The analysis showed that, however the Concórdia Special School pursued the statement of the canons of Lutheran faith in the first instance, it ended up by promoting an integration among individuals who are deaf within the same environment and, from the aspect established in the school culture, made the sense of belonging and social identification possible, as a matter of fact, the deaf community.

**Keywords:** history of educational institutions; oral history; lutheranism; deafness.

## LUTERANISMO, TRANSNACIONALISMO Y SORDER: la Escuela Especial Concórdia a través de los recuerdos de un maestro

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo explorar aspectos relacionados con la fundación y funcionamiento de la Escuela Especial Concordia. Esta institución fue creada para atender a los estudiantes con sordera, a través de un sesgo luterano que buscaba fortalecer el campo religioso en detrimento de otras esferas, como la familiar y la social. Para ello, se utilizó la metodología de la Historia Oral, a partir de los estudios de Portelli (1997; 2010) y Thompson (1998), sobre el concepto de Identidad, a partir de Bauman (2005) y Hall (2006), además del concepto de la memoria, explorada a través de los estudios de Halbwachs (1990). El análisis

mostró que si bien la Escuela Especial Concórdia buscó en primera instancia establecer los cánones de la fe luterana, terminó promovendo una integración de los sujetos con sordera en un mismo ambiente y, a partir de este aspecto establecido en su cultura escolar, hizo posible la idea de pertenencia e identificación social, es decir, de una comunidad sorda.

**Palabras clave:** historia de las instituciones educativas; historia oral; luteranismo; sordera.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar alguns aspectos envolvendo a atuação de uma instituição de Ensino Especial localizada na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Por meio da História Oral de Vida baseada nos estudos de Gill e Silva (2016), da História Oral a partir dos escritos de Portelli (1997), Guedes-Pinto (2002) e Thompson (1998), o texto se debruça sobre a fala de um dos professores que atuou junto da instituição de ensino mencionada para, por meio das suas memórias, tentar entender de que formas essa escola promoveu uma educação que englobasse o ensino especial para pessoas com surdez e a fé religiosa luterana. Nesse sentido, tenciona problematizar de que formas o ensino especial para alunos surdos esteve alinhado ao projeto educativo religioso luterano. Tendo em vista o cenário pandêmico que acometeu o mundo no ano de 2020 e se estendeu por um longo período, a entrevista aconteceu por meio do Serviço de Web Conferências Online (Webconf) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O Webconf permite a captura em vídeo e áudio além da salvaguarda do material dentro da sua própria plataforma, possibilitando download. Um roteiro semiestruturado guiou a conversação, mas se manteve preservada a liberdade de diálogo para além dos questionamentos pré-definidos. Com o acesso ao vídeo e ao áudio, a entrevista passou pelo processo de transcrição, que, para Portelli (1997, p. 27), “[...] transforma objetos auditivos em visuais”. As escolhas a partir de então, que nortearam a análise, se deram com base nos objetivos previamente estabelecidos quando da escolha do sujeito para a entrevista.

O texto está subdividido em três partes. A primeira dedica-se à fundação da Escola Especial Concórdia, instituição destacada por este artigo. A segunda analisa a trajetória do professor depoente objetivando entender de que formas o impacto trazido pela instituição influenciou na sua trajetória e conseqüente atuação junto à educação de alunos com surdez, sem desviar o olhar envolvendo a fundação da instituição e os caminhos percorridos por ela. Ainda, por fim, tenciona-se analisar aspectos mais específicos da instituição destacada, como sua relação com o estrangeiro e as formas pelas quais se mantinha ligada aos preceitos do luteranismo.

### A fundação da Escola Especial Concórdia

Na década de 1960, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)<sup>1</sup>, sediada na cidade de Porto Alegre, possuía uma preocupação latente em manter toda a sua comunidade envolvida, em alguma medida, com os trabalhos da sua fé. As crianças, nesse sentido, eram integradas a esse cotidiano por meio de aulas de Ensino Religioso que buscavam o fortalecimento dos conhecimentos que envolviam a Bíblia e os cânones do luteranismo em si. A moção, entretanto, não se preocupava, ainda, com todos os públicos. Naomi Warth, professora de Ensino Religioso de então, em determinado momento, após propor uma atividade de escrita, recebe uma carta de uma das suas alunas, que afirmava possuir irmãos surdos que tinham o desejo de participar daqueles

<sup>1</sup> A Igreja Evangélica Luterana do Brasil é oriunda dos Estados Unidos, o chamado Sínodo de Missouri, e foi instalada no Brasil em 1900, em comunidades étnicas alemãs. Para saber mais, ver em WEIDUSCHADT, 2007.

encontros, mas que não encontravam possibilidade, pela falta de uma forma de comunicação que também os contemplasse<sup>2</sup>.

Naomi promove uma aproximação a essas crianças e depois desse primeiro encontro, pouco frutífero, se movimenta de modo a adquirir os conhecimentos que lhe faltavam para conseguir estabelecer uma comunicação efetiva. Quando seu marido, o reverendo Martin Carlos Warth, recebe oportunidade de doutorar-se nos Estados Unidos, ela viaja com toda sua família para esse país, onde, por meio das referências que circulavam, do trabalho realizado com os surdos e de experiências de estudo em instituições estadunidenses, absorve a experiência necessária para o trabalho que pretendia desenvolver em solo brasileiro. De volta a Porto Alegre, com apoio da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, funda a Escola Especial Concórdia, com aula inaugural realizada no ano de 1966.

Assim, a escola nasce por meio da religião luterana. Historicamente, instituições educativas com esse cunho tinham por objetivo promover um projeto educativo diferenciado, em que o campo religioso deveria se afirmar sob outras esferas, como a familiar e a social, por exemplo (WEIDUSCHADT; TAMBARA, 2012). Entretanto, por configurar-se como uma instituição de ensino especial, o cenário específico dessa escola possuía outras peculiaridades.

Para entender esse processo, optou-se pela metodologia de pesquisa da história oral. Tal perspectiva corrobora com o entendimento dessas questões em maior profundidade. De acordo com Portelli (1997), a História Oral é:

[...] uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em sua essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e as memórias individuais, e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um (PORTELLI, 1997, p. 15).

Para que os aspectos a respeito da constituição da escola destacada pela entrevista que dá corpo a esse texto venham à luz, escolheu-se trabalhar com a História Oral Temática, uma vez que essa possibilita um diálogo em torno de um tema de pesquisa (GILL; SILVA, 2016). Sendo assim, as entrevistas representam importantes instrumentos para a construção da narrativa histórica, uma vez que possibilitam explorar aspectos construídos através de vivências e por meio de memórias.

Portelli (1997, p. 29) infere que, na história oral, a narrativa oralizada revela:

[...] as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou. Isto sempre envolve atitudes de que quem fala podia não estar apto (ou desejar) se expressar de outro modo, ou elementos não totalmente dentro do seu controle. Abolindo estes, tornamos insípido o conteúdo emocional do discurso inclinado para a equanimidade e objetividade do documento escrito.

Para Lüdke (2013, p. 34), as entrevistas, como instrumentos de pesquisa, possuem um grande potencial frente a outras técnicas. Nas palavras da autora:

[...] ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

---

<sup>2</sup> Essa carta encontra-se guardada no acervo da Escola Especial Concórdia pertencente a Universidade Luterana do Brasil, no *campus* da cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul. Ela é escrita à mão pela irmã das crianças surdas. A preservação desse documento já indica que a instituição prezou pelo forte cunho missionário de levar a fé luterana a outros públicos.

Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

Ao trabalhar com história oral e explorar essas construções, faz-se necessário o manuseio coerente do conceito de Memória. Para Halbwachs (1990), a memória, mesmo que pessoal, é construída socialmente. A teoria desse autor, direcionada especificamente ao estudo da memória, afirma que:

[...] memórias só podem ser pensadas em termos de "convenções" sociais, chamadas por ele quadros sociais da memória; segundo, de que o passado é reconstruído continuamente; e, terceiro, de que o estudo de quadros sociais ou memórias coletivas pode ser realizado empiricamente e de forma autônoma à intenção dos indivíduos (SANTOS, 2002, p. 130).

Os estudos de Halbwachs foram importantes para respaldar a constituição teórica metodológica da História Oral, porque implicou em discutir que a nossa memória é um constructo imbricado nas relações sociais e coletivas.

No entanto, Portelli (1997, p. 33), aprofunda os estudos sobre memória já tecendo considerações em relação a implantação da metodologia da História Oral, mostrando que tal metodologia é relevante para dar sentido aos processos históricos de determinados grupos:

[...] o realmente importante é não ser a memória apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.

Por meio da História Oral Temática, o depoente trazido aqui foi convidado, a partir das memórias de sua atuação junto à Escola Especial Concórdia, a enfatizar as particularidades envolvendo o luteranismo, o transnacionalismo educacional, por meio da perspectiva da história da educação e a cultura surda, as quais estiveram presentes na instituição destacada. Vale ressaltar que o público-alvo da Escola Especial Concórdia, os alunos com surdez, representam uma camada marginalizada da sociedade, desconsiderados pela dita história tradicional. Guedes-Pinto (2002, p. 95), nesse sentido, infere que “[...] a história oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a ‘tradicional’ quanto a contemporânea [...]”. Ainda, Thompson (1998, p. 37) infere que a história oral “[...] devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.

O sujeito entrevistado, professor Ricardo Sander, lecionou na instituição da qual este artigo fala por quase duas décadas e teve sua trajetória direcionada ao trabalho com a surdez por meio do impacto que a proposta da Escola Especial Concórdia trouxe à sua vida. A análise da sua fala se deu por meio dos conceitos de Comunidade (BAUMAN, 2005), Pertencimento (HALL, 2006), além de possibilidade de exploração envolvendo aspectos referentes ao transnacionalismo em História da Educação através dos estudos de Revel (2011) e de Vera (2021).

## UMA TRAJETÓRIA IMBRICADA NA MILITÂNCIA: O PROFESSOR RICARDO SANDER

O professor Ricardo Sander, muito solícito, não encontrou nenhuma dificuldade em utilizar um sistema on-line, uma vez que, nos dias atuais (2022), atua como professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), tendo passado, também, pela experiência com o ensino remoto instaurado frente à pandemia.

Quando questionado a respeito da sua aproximação à instituição destacada por este artigo, chama a atenção para suas origens de descendência alemã e de família ligada à Igreja Luterana. Reforça a tradição luterana, historicamente construída e reproduzida através da história em diferentes lugares, de manter uma igreja e uma escola lado a lado:

Era um mote, vindo dos imigrantes alemães, que ao lado da Igreja Luterana tinha que ter uma escola luterana. Isso é muito importante porque é um fundamento, um princípio, então, à época que se pregava e que se praticava também, né? (SANDER, 2021)<sup>3</sup>.

Essas primeiras questões já chamam a atenção para as particularidades da comunidade luterana, já que comunidades, para Bauman (2005), são as entidades que definem a Identidade como conceito. O professor Ricardo Sander pertence a uma família tradicionalmente luterana, e o pertencimento, para Stuart Hall (2006), é o responsável por fazer surgirem os aspectos que moldam as identidades culturais. As interações e a estrutura social da qual os indivíduos constroem e fazem parte são elementos essenciais para a formação das identidades (BERGER E LUCKMANN, 1985).

O professor Ricardo afirma que o seu objetivo sempre foi estudar junto às instituições luteranas, mas que nem sua família nem ele próprio haviam pensado até então a respeito da surdez ou da deficiência auditiva. Depois de sua então chegada ao Seminário Concórdia, instituição educativa luterana na qual se inseriu para estudar Teologia, que firmemente afirma ser “A Meca dos luteranos brasileiros, literalmente” (SANDER, 2021), é que se depara com os primeiros sujeitos surdos:

Então, nos primeiros dias, quando eu olho pela minha janela, olho pra fora, a minha janela do quarto se dá para a parte interna dos prédios e eu vejo alunos, ou jovens ou crianças de assim, 10 anos, 12 anos, 15 anos, andando e fazendo sinais, chegando na Escola Concórdia e fazendo sinais. Depois terminou o período, saindo fazendo sinais [...] E essas crianças fazem sinais, e isso me perturba, realmente me perturba [...] (SANDER, 2021).

Para Ricardo, a aproximação com a Escola Especial Concórdia se deu de forma bastante tranquila uma vez que a diretora da época, Beatriz Warth, filha da fundadora Naomi Warth, sinalizou que o professor seria bem-vindo a conhecer o trabalho que a escola realizava. A partir desse contato, Ricardo começa a tomar conhecimento das abordagens trazidas pela escola no tratamento de crianças e jovens com surdez. A primeira delas, desde a sua fundação, foi o Oralismo. O Oralismo foi uma corrente que objetivava a reabilitação dos indivíduos surdos por meio da superação da sua surdez através da fala, o que determinava, de certa forma, que adotassem um comportamento que não os configurasse como surdos de fato. Os adeptos mais intolerantes dessa corrente acreditavam, ainda, que se devia reprimir tudo aquilo que sinalizasse que os surdos não

<sup>3</sup> A fala do depoente, para diferenciá-la das citações diretas, será trazida sempre em itálico.

tinham como falar como faziam os ouvintes. Nesse processo, a oralização foi imposta como forma de aceitação social e, desse modo, a maioria dos surdos foi lançada para longe de quaisquer possibilidades educativas, de desenvolvimento pessoal e de própria integração dentro da sociedade (LACERDA, 1998).

Nas palavras do professor Ricardo Sander (2021), essa abordagem era, à luz dos dias de hoje:

[...] como uma ditadura. À época, quer dizer, hoje a gente olha e, bem, uma ditadura, porque os surdos eram obrigados a falarem. É a mesma coisa se a gente fosse obrigado a aprender a língua russa, tô chutando russo ou um chinês lá do interior, aquelas coisas bem complicadas, sem ouvir. Você imagina aprender chinês sem ouvir?

Aqui se percebe a primeira incursão das abordagens em educação de surdos que eram vistas em outros lugares do mundo sendo aplicadas na Escola Especial Concórdia. Essa instituição manteve sua atuação intrinsecamente ligada aos caminhos que outros lugares tomavam, aplicando as metodologias que imperavam na época, mesmo que o desenvolvimento apresentado pelo alunado não fosse satisfatório ou, por vezes, praticamente nulo. Isso significava que a instituição estava sempre sofrendo mudanças, uma vez que novos estudos surgiam, impactavam metodologias e movimentavam novos cenários de aplicação. Magalhães (2004) entende que as mudanças que ocorrem no âmbito das instituições são partes constituintes de sua cultura e de sua história. Para o autor, as "[...] bases normativas, culturais, organizacionais, metodológicas, relacionais, constituem uma cultura, uma doxa, uma gramática que consolida a estrutura escolar na sua internalidade e especificidade, como também na relação sociocultural e política" (MAGALHÃES, 2004, p. 68).

O trabalho de Ricardo Sander como docente da Escola Especial Concórdia acontece em meio a essas mudanças. O entrevistado afirma não saber, à época, o que tudo aquilo significava, mas que, com o tempo e seu envolvimento junto à militância, tomou conhecimento de todas essas questões em suas especificidades:

Eu entrei e: "o que? Sinais? Oralismo?" Eu não sabia o que era um ou o que era o outro, eu lembro que a Naomi dizia assim: "Ricardo, agora nós não vamos mais fazer Oralismo, não vamos mais oralizar, nós vamos usar sinais". Ok, eu não sabia todo o contexto. Hoje eu olho e eu sei, afinal eu tenho 41 anos de área, militância, eu sou da militância, sou da resistência [...] (SANDER, 2021).

Uma das abordagens metodológicas mais significativas adotadas pela Escola Especial Concórdia, de acordo com o professor Ricardo Sander, foi conhecida como Comunicação Total. Essa foi uma abordagem teórica que envolvia o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais) em toda a sua potencialidade e também se misturava com a oralidade pois o aluno surdo era instigado a falar. De acordo com Stewart (1993) essa abordagem referia-se ao uso de sinais, de leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital na tentativa de fornecer subsídios linguísticos para os sujeitos surdos; oportunizando a eles a chance de se expressarem na modalidade que preferissem (STEWART, 1993).

O pioneirismo do uso da Comunicação Total como instrumento pedagógico pela Escola Especial Concórdia a marcou como uma instituição educativa especial diferenciada. A partir dessa marca, começou a ser vista como a escola mais acertada para alunos surdos que almejassem dar continuidade às suas vidas escolares, assim como alçou seus professores e profissionais atuantes a uma posição de respeito igualmente significativa:

[...] o Concórdia foi a primeira escola que começou a usar a Comunicação Total, e nós estávamos muito orgulhosos, a gente se orgulhava muito do que a gente fazia. Nossa, o Concórdia. O Concórdia era uma escola de referência. O Concórdia era tido assim, nossa, você trabalha no Concórdia? Bah! Ou os alunos que vinham do Concórdia eram alunos que tinham enormes possibilidades de continuar no ensino médio ou de ter um emprego (SANDER, 2021).

Essa excelência atribuída à Escola Especial Concórdia é ainda reiterada pelo professor Ricardo:

Então o Concórdia era visto, na época, como a grande referência educacional para surdos no Brasil. Todos se curvavam ao Concórdia, aos profissionais que trabalhavam, ao que a direção dizia. Os surdos que vinham do Concórdia eram melhores, vistos como melhores (SANDER, 2021).

Entretanto, Ricardo Sander afirma que existia, ainda, mesmo frente a todo esse brilhantismo atribuído a essa instituição e ao trabalho desenvolvido pelos seus profissionais, pouca sensibilidade para com a surdez:

[...] mas nós não queríamos ser radicais, só fazer sinais, porque se só faz sinais, lembra do mote, o surdo precisa falar pra se integrar, pra se incluir. O surdo tem que se incluir. O sistema continua assim, o diferente que se dane. O diferente é que tem que se adaptar, então o surdo fazia de tudo para que conseguisse falar (SANDER, 2021).

Nesse sentido, a Comunicação Total, enquanto instrumento pedagógico do Concórdia, era vista como uma solução absoluta para todas as problemáticas envolvendo a falta da língua falada. O aluno surdo deveria aprender a se comunicar com os ouvintes, pois “[...] o problema era do surdo sempre” (SANDER, 2021). Percebe-se, aqui, que a associação do pensamento de Ricardo Sander com a militância do movimento surdo já acontecia na sua atuação como professor da Escola Especial Concórdia ao reconhecer que se atribuía à comunidade surda toda a problemática que envolvia sua não-integração social ao fato de não poderem se comunicar como faziam os ouvintes. A militância, nesse sentido, pode ser entendida em Silva (2005, p. 9), quando o autor afirma que essa forma de olhar gera a “[...] necessidade de pensar *outramente*, de produzir um estranhamento naquilo que é tido como natural e evidente”.

A mudança de perspectiva acontece quando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passa a ser reconhecida como uma língua de fato, em 24 de abril de 2002, a partir da Lei n. 10.436. As abordagens pedagógicas anteriores a essa consideração passam a ser condenadas tanto pela comunidade surda quanto pelos profissionais que atendiam a ela. Nas palavras do professor Ricardo:

Libras é uma língua, não se fala mais em Oralismo, não se fala mais em Comunicação Total. Isto está sepultado. Isto é visto como ditadura para surdos, como tempo de escravidão, e chama-se até de Holocausto Surdo. É uma coisa muito forte na constituição da cultura surda, dos movimentos surdos e eu dou razão a eles (SANDER, 2021).

Foi uma mudança pedagógica drástica para essa instituição, e que acontecia dentro de espaços educativos de outros lugares do mundo também. A partir daqui a atuação educacional seria mais parecida com o que se tem nos dias de hoje (2022) em escolas de ensino especial. Mas as

especificidades que diferenciavam a Escola Especial Concórdia eram bastante significativas. Além do luteranismo, já mencionado, havia ainda o apoio recebido por instituições estrangeiras ligadas à Igreja Evangélica Luterana do Brasil, e essas interlocuções sinalizam a necessidade do apoio de um conceito em História da Educação que tem recebido cada vez mais destaque e que ajuda a pensar e problematizar alguns dos sentidos dessas trocas. É o caso do transnacional em História da Educação.

## LUTERANISMO E TRANSNACIONALISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

O conceito, ou então a postura do transnacionalismo em História da Educação, tem sido uma das recentes abordagens realizadas nesse campo de pesquisa. Sua potencialidade é tamanha, uma vez que “[...] transnacional em História da Educação é uma categoria que vai além da nação como unidade de análise” (VERA, 2021). Para essa autora, ainda, a história transnacional:

[...] embora também se refira a uma história que atravessa fronteiras e considera atores estatais e não estatais (em oposição à “história internacional”, baseada em atores estatais ou institucionalizados), é espacialmente mais restrita: ela não desconstrói a nação – pressupõe sua existência e estuda seu desenvolvimento como um fenômeno global – mas contextualiza-a em um conjunto de relações de tradução, entrelaçamentos e dependências. Isso significa que o termo “transnacional” tende a ser aplicado principalmente à ordem mundial moderna dos Estados-Nação, em vez de sociedades modernas ou pré-modernas primárias (VERA, 2021, p. 8).

A importância do transnacional em História da Educação está ligada, também, à “[...] interação e circulação de ideias, pessoas, instituições e tecnologias através do Estado ou das fronteiras nacionais e assim a conexão e influência mútua dos Estados, sociedades e culturas” (REVEL, 2011, p. 574). Assim sendo, relaciona-se a ideia de transnacionalismo às trocas realizadas entre diferentes instituições educativas a nível mundial, desde as de caráter mais pedagógico até as de caráter financeiro mais direto. O professor Ricardo Sander chama a atenção para essas questões na sua fala, enfatizando que embora a instituição possuísse um cunho elitista, não agregava pessoas em mesma condição, justamente pela ajuda financeira recebida:

Era uma escola que tinha tudo novo [...] a CBM, Christian Blind Mission<sup>4</sup>, é um nome que foi muito importante no Concórdia, junto com outras congregações americanas que mandavam periodicamente dinheiro para sustentar o Concórdia, os nossos salários, água, luz, telefone, etc. [...] Havia muitos surdos pobres também, mas pobres mesmo, [...] e por isso, justamente, eles podiam tá na escola porque havia o exterior que pagava (SANDER, 2021).

Além da ajuda monetária estrangeira, a Escola Especial Concórdia contou com a ajuda financeira da comunidade do Brasil também, igualmente preocupada com a continuidade do trabalho que se desenvolvia nessa escola. Ricardo Sander atesta, dizendo que lembrava “[...] também que tinham pessoas que vinham mensalmente e traziam a sua contribuição, pessoas da

<sup>4</sup> A CBM (Christian Blind Mission) é uma organização em nível internacional que busca melhorar a qualidade de vida de pessoas portadoras de necessidades especiais em comunidades pobres do mundo (TAYLOR, 2005). Entender com maior profundidade seu envolvimento com a Escola Especial Concórdia ainda carece de fontes.

igreja luterana, outros que podiam pagar vinham e assinavam um cheque” (SANDER, 2021). Mas que, de fato, o sustento vinha de norte-americanos e alemães (SANDER, 2021).

É evidente que o financiamento estrangeiro foi de suma importância para a manutenção da escola como um todo, desde o pagamento dos salários dos profissionais atuantes até a possibilidade de mantimento de alunos que não tinham meios financeiros de acessar um espaço de ensino-aprendizagem como aquele. Esse movimento fortalecia, ainda, o caráter social dessa instituição. Tal ajuda certamente impactou direta e positivamente o trabalho da Escola Especial Concórdia, que foi conhecido e reconhecido em nível nacional, recebendo alunos de diferentes partes do Brasil:

Então o Concórdia era visto, assim, como uma escola de referência, uma escola importante, a melhor escola do Brasil. Olha, nós temos alunos vindos de várias partes do Brasil. Nós temos alunos vindos de Fortaleza, do Ceará. Temos alunos vindos do Rio de Janeiro, temos alunos de São Paulo, vários lugares de São Paulo, temos alunos vindos do Pará, temos alunos vindos da Bahia, que se mudam para Porto Alegre, anos 80, anos 90, para estudar. Alguns alunos com dificuldades financeiras, mas outros com possibilidades tranquilas, né? De comprar, de alugar um apartamento lá. Parte da família vinha morar em Porto Alegre para que seus filhos tivessem boa educação (SANDER, 2021).

As abordagens pedagógicas realizadas dentro da Escola Especial Concórdia certamente contribuíram muito para a atenção recebida por alunos de lugares tão distantes da cidade de Porto Alegre. Além das aulas e disciplinas direcionadas para os discentes, o professor Ricardo menciona a existência dos programas oportunizados pela escola, que se estendiam até as famílias, uma espécie de cotidiano montado. O professor Ricardo conta que:

[...] uma vez por mês, sei lá, o pai e a mãe iam lá e junto com o filho, e com o professor faziam, por exemplo, um bolo, e aí fazia ovo, aí escrevia ovo e tinha o ovo lá, depois colocava leite, fazia o bolo, coisas simples, e ficava lá, conversando, fazendo sinais, e o filho participando, então isso ajudou muito no desenvolvimento da linguagem (SANDER, 2021).

Ações como essa demonstram um pouco de como funcionava essa preocupação promovida pela Escola Especial Concórdia em manter não somente seus alunos integrados ao ambiente escolar, mas também os responsáveis destes, uma vez que entendiam que a surdez era uma singularidade que atravessava todo o âmbito da família. Para além disso, integrar os familiares à esfera escolar, incumbindo os mesmos da responsabilidade de compreender as outras formas de comunicação, também servia de amparo às atividades que se desenvolviam, pois elas, por vezes, encontravam entraves na ideia de que a surdez só se superava através da fala, assim como a integração social desses sujeitos só se daria por meio dela. Ideia essa que poderia deslegitimar o uso de sinais como forma de comunicação.

Pode-se concluir que houve interlocuções transnacionais potentes entre a Escola Especial Concórdia e instituições educativas de outros países no que se refere as práticas de ensino e de aprendizagem. Enquanto a escola daqui se preocupava em manter suas práticas produzindo resultados positivos, o que, conseqüentemente, alavancava sua posição e importância social, as instituições de lá focavam em fornecer alguns dos subsídios necessários ao seguimento desse trabalho. Outra conclusão que se pode assumir é de que o luteranismo, ou então a missão luterana, mantinha a união dessas entidades, uma vez que, historicamente, o luteranismo buscou o fortalecimento do campo religioso através da educação (WEIDUSCHADT, 2012), o que pressupõe certo planejamento para atingir essa determinada finalidade.

Tendo isso em vista, pode-se realizar alguns apontamentos referentes ao luteranismo no cotidiano escolar a partir da fala do professor Ricardo Sander. Vale lembrar que, na busca desse fortalecimento religioso por meio da educação, as instituições educativas luteranas possuíam essa característica particular de manterem a religiosidade vinculada ao trabalho com a educação, promovendo um projeto educativo diferenciado.

O professor Ricardo Sander possui forte vivência dentro da cultura luterana, como já apontado no início deste artigo, portanto lembra com bastante facilidade das interlocuções que aconteciam entre escola e igreja, uma vez que sua própria trajetória educativa perpassou esse caminho. Havia, sim, dentro da Escola Especial Concórdia, uma preocupação em manter o luteranismo ligado às atividades da escola. Ricardo Sander diz:

Olha, então, a escola foi do lado da igreja. O Capelão, o primeiro Capelão foi Prietro, e ele fazia essa ponte escola-igreja-igreja-escola. Nós tínhamos toda sexta-feira de manhã um horário, e toda sexta-feira de tarde um horário, nos finais dos turnos letivos, de sexta-feira de manhã e sexta-feira de tarde, sempre tinha uma devoção<sup>5</sup> na Escola Concórdia, na Escola Especial Concórdia. E era no auditório, todo mundo ia lá, e era então uma pequena devoção, né? E as vezes era um teatro, era oração pelos aniversariantes, quem tava doente, essas coisas assim, muito simples (SANDER, 2021).

Esse trecho de sua fala indica algumas das práticas religiosas que eram realizadas pela escola e envolviam seus alunos. Coisas muito simples, como ele mesmo aponta, mas que não deixam de confirmar um pouco dessa preocupação existente nas instituições luteranas. Além dos alunos, essas atividades também visavam seus pais: “[...] eu achava muito legal porque as famílias participavam também, as mães ou os pais que esperavam seus filhos pra terminar o turno e levar pra casa, eles participavam...” (SANDER, 2021).

Compreender como o luteranismo de fato implicou na formação desses alunos com surdez demandará ainda de outras entrevistas, com outros sujeitos envolvidos no trabalho realizado pela escola, e, mais especialmente, com os alunos que tiveram suas trajetórias marcadas por ela. O uso da metodologia da história oral continuará sendo de suma importância para a construção desses entendimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou entender, de forma inicial, como se deu a atuação da Escola Especial Concórdia, instituição de ensino especial fundada por meio da religião luterana, e como ela incitou e promoveu uma formação que garantisse, ou então envolvesse profundamente os cânones da fé. Por meio da História Oral Temática e os apontamentos realizados pelo depoente, o professor Ricardo Sander, percebe-se que a missão educacional da Escola Especial Concórdia tornou-se intensamente ligada com a questão social envolvendo a surdez, estando também preocupada com a cultura surda de modo mais geral, uma vez que esse movimento educacional permitiu uma maior integração desses sujeitos que, até então, não tinham acesso à comunicação formal e nem mesmo contato uns como os outros. Essa integração, realizada em um mesmo ambiente, produzia, como efeito da cultura escolar, a ideia de pertencimento e de identificação social entre sujeitos que, a partir daí, podiam ser considerados integrantes de uma cultura surda. Dessa forma, o projeto

<sup>5</sup> A prática devocional é característica da religião luterana. Trata-se de um momento de leitura da bíblia e de oração junto à família ou na própria igreja.

educativo luterano de mais força, em que o campo religioso precisava se afirmar mesmo que em detrimento de outras esferas, era um dos grandes responsáveis pela integração entre sujeitos. Quando questionado se os alunos se tornavam luteranos, o professor Ricardo Sander (2021) afirma que “Alguns sim e alguns não”.

Assim sendo, havia uma preocupação latente envolvendo a questão social das atividades desenvolvidas pela Escola Especial Concórdia, que encontrava muitos entraves na falta de subsídios teóricos e pedagógicos que tratassem diretamente da problemática envolvendo o ensino de alunos com surdez, ao entender todas as suas especificidades e, portanto, operar no sentido de contemplá-las. O conhecimento se construía a partir de experiências envolvendo pessoas e lugares diferentes e era trazido com certa demora pelas dificuldades encontradas na comunicação entre países distintos. Eram experiências vindas de outros espaços de aplicação. Essas *idas e vindas* pedagógicas são outra característica do transnacional em História da Educação. O professor Ricardo Sander sinaliza um ponto importante envolvendo essa questão, dizendo que “Tinha um teor, um objetivo religioso sim, tinha, ideologicamente religioso, sim, mas antes disso era muito essa questão pedagógica” (SANDER, 2021).

Cruzar essas informações vai suscitar, como já mencionado, de outras entrevistas envolvendo outros sujeitos. Vale ressaltar que essa instituição educativa teve suas atividades descontinuadas no ano de 2019, levando ao fechando definitivo da instituição sob alegação de falta de recursos por parte da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), responsável pela manutenção da escola. Diante disso, a história oral, ao possibilitar a construção de narrativas, demonstrou-se essencial para o alcance das dimensões pelas quais a Escola Especial Concórdia buscou atuar. Tendo ela obtido sucesso ao realizá-las como o planejado, ou percorrido outros caminhos, atingindo outras finalidades, o fato é que se configurou como uma instituição diferenciada ao cruzar religiosidade com o ensino especial.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 25<sup>a</sup>. Ed., Petrópolis: Vozes, 2005.
- GILL, Lorena; SILVA, Eduarda. *Perspectivas para a História Oral*. In: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISBERO, Pedro; FACHINETO, Rochele (org.). *Metodologia em ciências sociais hoje: práticas, abordagens e experiências de investigação*. 1. ed. Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, 2016.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice; Ed. Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- LACERDA, Cristina B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. Cedes*. v. 19. n. 46, Campinas, 1998.
- LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista, São Paulo: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

- MOORES, Donald. *Educating the deaf, psychology, principles and practice*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1978.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significação na história oral. A pesquisa como experimento de igualdade. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História* 14. São Paulo, PUC. jan.-jun. 1997. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11231>.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História* 22. São Paulo, PUC. jan.-jun. 2001. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História* 15. São Paulo, PUC. abr. 1997. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História* 14. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo, PUC. jan.-jun. 1997. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>.
- TAYLOR, Ina. *Religião e vida com Cristianismo*. São Paulo: Heinemann, 2005.
- REVEL, Jacques; STRUCK, Bernhard; FERRIS, Kate. Introdução: espaço e escala na História Transnacional. *Revista de História Internacional*, v. 33. n. 4., dez. 2011. p. 573-584. Disponível em <https://doi.org/10.1080/07075332.2011.620735>.
- SANCHES, Mário Antônio. Religião e ciência: o porquê do diálogo. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; KUZMA, Cezar A. *Cultura, religião e sociedade: um diálogo entre diferentes saberes*. Curitiba: Champagnat, 2010.
- SANTOS, Adalberto. *Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*. v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.
- SILVA, Rosane Neves da. *A invenção da psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- STEWART, D. A. Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas. In: MOURA, Maria Cecília de et al. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- VERA, Eugenia Roldán; FUCHS, Eckhardt. O transnacional na História da Educação. Tradução: Diana Gonçalves Vidal, Alexandre Ribeiro e Silva, Ana Carolina Carvalho Guimarães. *Educação e Pesquisa*, v. 47, e470100301trad., São Paulo, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022021470100301trad>.
- WEIDUSCHADT, Patrícia; TAMBARA, Elomar. O Sínodo de Missouri e o Seminário Teológico-Pedagógico em São Lourenço do Sul - RS (1903-1905). *Revista HISTEDBR On-line*, v. 12. n. 48. Campinas, 2012. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640017>. Acesso em fev. 2022.
- WEIDUSCHADT, Patrícia; FISHER, Beatriz Terezinha Daudt. A revista O Pequeno Luterano: nacionalismo e higienismo a partir da fé luterana (1931-1966). *Revista HISTEDBR On-line*, v. 12. n. 47. Campinas, São Paulo, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.20396/rho.v12i47.8640040>.

WEIDUSCHADT, Patrícia. O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar. 2007. 256f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

*Submetido em março de 2022*  
*Aprovado em dezembro de 2022*

### Informações do(a) autor(a)

Weliton Barbosa Kuster  
Universidade Federal de Pelotas  
*E-mail:* [welitonkuster@hotmail.com](mailto:welitonkuster@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1359-2415>  
*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/7354308070750700>

Patrícia Weiduschadt  
Universidade Federal de Pelotas  
*E-mail:* [prweidus@gmail.com](mailto:prweidus@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-7591>  
*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/0643205535014525>